Resenha

MARTINELLI, Leonardo. *Dedo no ventilador*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2005.

A poesia ainda existe

Anular

*Mão e hélice contracenam
como os cones de uma
ampulheta partida ao meio
(areia derramada aos pés
do tempo, entre cacos
da espera e desespero)*

Como pensar, ou fazer, poesia se no meio da noite uma rajada de fuzil irrompe teu sono e te expulsa do regaço turquesa de um sonho ancestral? O cotidiano do Rio de Janeiro assombrado pela mídia, bandidos e polícia parece ser o lugar menos provável para o surgimento de um poema.

Mas a poesia ainda existe, e há poeta capaz de subverter a amargura dos tempos sombrios, quebrar a ampulheta do tempo e cristalizar o instante em que a cidade resplandece azul. Leonardo Martinelli é um deles. Hoje, quem se arrisca a colocar o dedo no ventilador sabe que no poema há vagas para os abismos da modernidade, e eles são a matéria poética deste jovem poeta. O que torna especial alguns de seus poemas é a disposição que ele apresenta de trabalhar poeticamente as precariedades do nosso tempo sem se deixar fascinar pela negatividade, e nem fazer dela a lente pela qual vê a vida. O defunto baleado pela polícia em plena fuga, a página indisponível na internet, a falta de grana: tudo cabe no poema.

Dorian

Então fitei
a tela – meus
olhos impressos
no espelho

(leitor-irmão
de sangue e tinta
ausente)

Cupins e traças
se encarreguem
da moldura:

quem sabe de mim
sou ele

Dedo no ventilador é o primeiro livro, e apresenta as irregularidades típicas de uma trajetória poética em formação. Entre poemas insossos como **Telefone** “*Sinal de véspera/ em seu vórtice/ mudo – granada/ caseira, à espreita/ soposando números*”, e outros de intensa carga poética como **Medidas** “*sorrimos estanques/ ao colo da sorte/ desatando o dia/ a golpes de foice*”, o que se esboça, nesse momento de estréia, é a perspicácia de imprimir aos acontecimentos da vida cotidiana a engenhosidade dos versos resultantes do estudo erudito na academia de Letras. Leonardo é doutor em literatura comparada e músico de uma banda *underground*. Partilhando do desamparo de uma geração, que já foi chamada por Haroldo de Campos de pós-utópica, Leonardo desfere outras nuances à obscuridade com a qual a poesia moderna tem sido tantas vezes associada.

Do subterrâneo, que o poeta elege como pórtico, é subvertido o niilismo peculiar aos poetas malditos. Outra característica, e que talvez seja uma tendência da atual poesia, é a necessidade de ser ouvido, que ele anuncia no hall de entrada à primeira seção do livro, nos dois pequenos versos de Aníbal Cristobo: “*me escuchás?/ no puedo verte*”. Não que Leonardo não guarde um quê de poeta maldito, persiste, ainda, um certo “romantismo desromantizado”, como diria Hugo Friedrich, e em alguns momentos ele faz questão de preservar a obscuridade: como na terceira parte do poema **A Amiga imaginária** “*Caso de ocupar-se/ o plano inteiro em minúcias/ táticas, submetido à fúria onomatopaica desse/ maquinário apenas/ entrevisto?*”. Momentos, aliás, dos menos interessantes do livro que acaba por denunciar o estágio inicial e ainda claudicante da trajetória do poeta.

A agradável surpresa são os poemas que expressam a capacidade de apreender poeticamente o que há de prosaico no cotidiano do morador de uma metrópole em pleno século XXI, como em **Aniversário do motorista**. No melhor estilo poema-acontecimento, revela a doçura do menino que vê poesia na inesperada festa de aniversário do motorista de ônibus: “*placas advertem/ a iminência do trecho/ - basta girar/ o volante para que/ a imagem retorne: já/ não estamos a caminho/ de casa e então/ os gritos e as palmas ritmadas (...)*”.

A partir de pistas fornecidas pelo próprio autor em suas referências artísticas a Duchamp e a Chagall, podemos pensar que Leonardo estaria, como alguns de seus contemporâneos, entre o xeque-mate dado por Duchamp à arte contemporânea – que perpetrou o nó de que se tudo é arte, nada é arte – e a lírica de amor à vida que Chagall expressou em seus quadros, uma espécie de conciliação com a esperança que parece fazer-se necessária em tempos difíceis.

O livro é dividido em quatro seções: Viva-voz, Ocorrências, Poemas da Amiga e Dedo no Ventilador. Conduzido pelos eleitos, sua família poética - Murilo Mendes, Jorge de Lima, Breton, Chagall, César Valejjo, Duchamp e Mário de Andrade – Leonardo Martinelli tem a virtude que falta em alguns de seus contemporâneos: a consciência da tradição poética, “*Esquecer para lembrar: centelha inglória*”, como revela no verso de abertura de **Museu cotidiano**, primeiro poema do livro.

Cláudia Dias Sampaio